



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**



JULIA DE PAULA SOUSA SANTANA

FILMES NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

UBERLÂNDIA

2023

JULIA DE PAULA SOUSA SANTANA

FILMES NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia – Campus Santa Mônica – como parte dos requisitos necessários para a obtenção da graduação em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Roberta Maira de Melo

UBERLÂNDIA

2023

AGRADECIMENTOS

À professora Roberta, por ter sido minha orientadora e ter conduzido o trabalho com paciência e dedicação, sempre disposta a compartilhar seus conhecimentos.

À Universidade Federal de Uberlândia, essencial no meu processo de formação, por possibilitar inúmeras aprendizagens através do ensino público.

Aos meus professores, pelos ensinamentos passados ao longo dos últimos anos.

Aos meus colegas de curso Gabi, Thauane e Tiago, pelo companheirismo e pelas conversas e conselhos durante essa jornada.

À minha irmã Vanessa, por ouvir minhas reclamações e assistir filmes comigo.

Aos meus pais e amigos, que sempre estiveram ao meu lado, por compreenderem minha ausência durante o período em que me dediquei a este trabalho.

RESUMO

O presente trabalho traz um breve resumo da história do cinema, abordando desde seu surgimento, até discussão acerca de seu valor como linguagem artística. É feita uma reflexão sobre a presença do cinema em nossas vidas e como sua capacidade de motivar pensamentos e atitudes pode ser usufruída nos meios de ensino, traçando o histórico de seu uso educativo e pontuando as possibilidades e dificuldades encontradas pelos professores. Por fim, relata o processo de criação do material didático *Filmes para o ensino de Artes Visuais*, que tem como objetivo auxiliar professores de Arte sugerindo títulos de filmes que possam contribuir para o ensino dos conteúdos da disciplina, apresenta a estrutura do site usado como suporte e esclarece como se deu a seleção e categorização dos filmes e como os educadores podem utilizá-los.

Palavras-chave: artes visuais; cinema; educação; material didático.

ABSTRACT

The present work brings a brief summary of the history of cinema, approaching since its emergence, until the discussion about its value as an artistic language. A reflection is made on the presence of movies in our lives and how their ability to shape thoughts and attitudes can be used in teaching environments, tracing the history of their educational use and punctuating the possibilities and difficulties encountered by teachers. Finally, it reports the creation process of the didactic material *Filmes para o ensino de Artes Visuais* (Films for the teaching of Visual Arts), which aims to help Art teachers by suggesting films that can contribute to the teaching of the discipline's contents, presents the structure of the website used as a support and clarifies how the selection and categorization of the films took place and how educators can be using them.

Keywords: visual arts; cinema; education; didactic material.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Página inicial do site	21
FIGURA 2	Imagem do site	24

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 Relação de filmes por categoria

23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	O INÍCIO DO CINEMA: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO	10
2.1	CINEMA E EDUCAÇÃO	15
3	FILMES PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS	20
4	CONCLUSÃO	26
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
	FILMOGRAFIA	31

1 INTRODUÇÃO

A educação é um processo amplo que vai além do espaço escolar e abrange diversos aspectos da vida dos alunos, sendo a principal responsável pela formação intelectual, social e cultural dos indivíduos, por isso o ensino deve estar associado à cultura cotidiana destes, utilizando o que trazem do mundo externo para dentro da escola. Em um mundo tão acelerado como o que vivemos hoje, em que tudo muda muito rapidamente, é importante que os objetivos da educação acompanhem essas transformações na sociedade, assim como os recursos e os métodos para atingi-los também devem se adaptar.

Os alunos são o tempo todo estimulados por anúncios, videogames, internet, televisão, cinema etc., todos com grande apelo às imagens. Nas últimas décadas, com os avanços tecnológicos, o audiovisual passou a nos cercar e os filmes se tornaram tão presentes em nossas vidas que seria difícil imaginar um mundo sem eles, pois estão em nossas televisões, computadores e celulares, cada vez mais acessíveis. A cultura contemporânea é visual e se a educação requer imagens, é porque hoje o mundo é das imagens.

Desde seu surgimento, o cinema está presente em nossas vidas não só como meio de entretenimento, mas também como motivador de modos de pensar e agir e como mecanismo de interação social e reflexão a respeito da realidade, por isso, em sociedades extremamente audiovisuais como a nossa, o domínio de sua linguagem é essencial. É necessário então que os meios educacionais o reconheçam como fonte de conhecimento e os educadores estejam abertos ao seu uso como recurso pedagógico, aprimorando o olhar dos alunos para a interpretação do mundo e daquilo que é produzido por ele.

Filmes podem ser utilizados para discutir os mais variados assuntos, seja pelas narrativas e temas, pela estética visual ou até mesmo pelos contextos de produção e consumo e, mesmo sem uma metodologia específica para seu uso, muitos educadores relatam usufruí-los em sala de aula. É importante que os professores estabeleçam os objetivos e conteúdos os quais desejam trabalhar, para que os filmes não sejam utilizados como passatempo ou distração, sem intenções pedagógicas bem definidas. Além disso, certo conhecimento sobre cinema por parte do docente, é fundamental, pois é uma forma de expressão artística com sua própria linguagem e maneiras de se comunicar.

Partindo da relação do cinema com a educação e seu potencial como ferramenta pedagógica para tornar o processo de aprendizagem mais interessante e significativo, o presente trabalho apresenta a criação de um material didático que tem como objetivo auxiliar professores

de Artes Visuais, sugerindo títulos de filmes que possam contribuir para o ensino dos conteúdos da disciplina.

A metodologia adotada no projeto fundamentou-se nos pressupostos do método histórico-dialético. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica utilizando de fontes primárias – filmes – e secundárias – livros, dissertações e artigos.

A primeira parte do trabalho se constituiu da pesquisa a respeito da história do uso de recursos audiovisuais na educação, analisando o que dizem os autores da área, investigando as leis e os incentivos para seu uso nas escolas brasileiras e observando, através da leitura de relatos de experiência, como professores trabalham com esses recursos em sala de aula e como é a recepção dos alunos.

A segunda parte foi a criação do material didático, em que foram selecionados filmes que possuem relação direta ou indireta com os conteúdos e temas das artes visuais e então separados e listados em categorias relacionadas aos conteúdos da disciplina, para facilitar a busca.

No segundo capítulo da monografia é apresentado, resumidamente, o surgimento e único do cinema, abordando as principais inovações tecnológicas e estilísticas e a discussão acerca de sua inclusão como linguagem artística. Um item também é acrescentado no capítulo no intuito de aprofundar na questão do cinema nos meios de ensino, em que é discutido sobre a capacidade educacional dos filmes e é traçado o histórico de seu uso educativo, assim como as possibilidades e dificuldades encontradas pelos professores.

O terceiro capítulo aborda a criação do material didático *Filmes para o ensino de Artes Visuais*, relatando como foi o processo de seleção e categorização dos filmes, apresenta a estrutura do site usado como suporte e esclarece como os professores podem utilizá-lo.

2. O INÍCIO DO CINEMA: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Desde muito jovens, o mundo nos é apresentado através de histórias contadas por nossos pais, lidas em livros e divididas entre amigos e rodas de conversa. Elas são uma maneira inconsciente e envolvente de dar sentido ao nosso mundo e compartilhá-lo com os outros e, os filmes, dispendo de sua capacidade narrativa, apresentam histórias que nos envolvem de forma semelhante.

Um filme pode ser definido como uma série de imagens projetadas por luz sucessivamente em alta velocidade em uma tela com o intuito de contar uma história através da ilusão de movimento. Os filmes podem ser classificados em dois tipos: filmes de ficção, que retratam histórias simuladas e possuem atores interpretando papéis, podendo ou não se inspirar em acontecimentos reais, e filmes documentários, que registram fatos e eventos da realidade. Existem ainda os filmes de animação, com imagens criadas por desenhos ou técnicas digitais, que podem tanto ser produções ficcionais, quanto documentais, estes sendo geralmente filmes educativos.

O termo “cinema” é utilizado para indicar uma série de conceitos, dentre eles, a arte de se fazer filmes, o espaço físico onde os filmes são exibidos ou ainda, o estilo cinematográfico de determinado lugar, época e/ou cineasta. Aqui, faremos uso prioritariamente do primeiro, porém, eventualmente os outros dois conceitos também serão utilizados.

O cinema, apesar de se iniciar como um empreendimento comercial, oferecendo narrativas para grandes públicos e se tornar rapidamente uma das primeiras formas de entretenimento de massa, também se desenvolveu como um poderoso meio de expressão artística. Desde muito antes de sua invenção, imagens em movimento já eram utilizadas como formas de expressão e para contar histórias. O teatro de sombras, espetáculo em que se projeta através de uma fonte de luz, recortes de figuras humanas, animais ou objetos sobre paredes ou tecidos para narrar contos e mitos, é uma forma popular de entretenimento ainda existente que nasceu na China há mais de 2 mil anos e se espalhou por diversos países (CASSETTARI; LESSA, 2012).

Foi com a invenção da fotografia, na primeira metade do século XIX, que se tornou possível a criação do cinema, já que quase cinco décadas mais tarde, sua propriedade de registrar o mundo real proporcionou que imagens em movimento além de projetadas, fossem filmadas e registradas. Não é possível dizer que houve um único criador do cinema, pois no final do século XIX, vários inventores espalhados pelo mundo dedicaram suas pesquisas ao desenvolvimento das técnicas fotográficas e dos aparatos de projeção de imagem, resultando

em diversas invenções que muitas vezes se complementavam e assim, proporcionaram a produção dos primeiros filmes.

Entre as mais importantes invenções da época, pode-se destacar o cinetógrafo, que capturava as imagens em movimento, e o cinetoscópio, que projetava os filmes, ambos patenteados por Thomas Edison nos Estados Unidos em 1891. De maneira semelhante à câmara escura, um dos primeiros projetores de imagem criado, os curtos filmes eram observados no interior de uma caixa, por meio de um orifício em que o espectador colocava os olhos (CARVALHO, 2021). Como o cinetoscópio não projetava as imagens em telões, a experiência visual proporcionada era individual, porém, isso não impediu a nova invenção de ser um sucesso instantâneo e logo se espalhar pela Europa, fazendo com que surgissem cada vez mais aparelhos e métodos de projeção de imagens em telas maiores, como o cinematógrafo, o bioscópio, o vitascópio e o mutoscópio (MASCARELLO, 2006).

Os irmãos Auguste e Louis Lumière, apesar de não terem sido os primeiros na criação de filmes, são os que ficaram mais conhecidos pela contribuição. Seu cinematógrafo, registrado em 1895, funcionava como projetor ou câmera e, por seu peso leve, podia ser facilmente transportado e assim registrar paisagens urbanas e rurais, assuntos mais interessantes do que se era possível filmar dentro de estúdios. A máquina também resolveu o problema da visualização limitada, pois possibilitava a projeção para várias pessoas ao mesmo tempo. Além disso, possuía um design muito mais funcional do que outras invenções da época. O vitascópio, por exemplo, pesava cerca de 500 quilos e precisava de eletricidade para funcionar, tanto é que não obteve sucesso no Brasil, porque o país ainda não possuía uma rede elétrica urbana desenvolvida (ARAÚJO, 1995).

As primeiras projeções serviam de entretenimento popular e eram feitas em locais como circos e parques de diversão, dando continuação à tradição das lanternas mágicas, em que desde o século XVII, acompanhadas de vozes, música e efeitos sonoros, eram mostradas imagens projetadas em uma tela através de uma fonte de luz artificial. Os primeiros filmes, então, herdaram a característica de serem atrações autônomas que se encaixavam nas diferentes programações desses locais para a diversão de um grande número de pessoas (MASCARELLO, 2006).

O cinema nesse período, ainda se encontrava misturado com outras formas de arte, como as próprias lanternas mágicas e o teatro. As primeiras exhibições eram inspiradas nos espetáculos teatrais, durante a filmagem a câmera era posicionada de frente para os acontecimentos e permanecia imóvel, e para a exibição, o público ficava em poltronas, como para assistir a uma peça, porém ao contrário dessas, os filmes eram de curta duração, eram em média de 5 minutos

(ARAÚJO, 1995). No Brasil, inclusive, as exibições eram feitas em teatros, pois além de disporem dos melhores recursos e equipamentos para tal, já possuíam meios eficazes de atrair público (RAMOS; SCHVARZMAN, 2018).

Produções ficcionais existem desde o início do cinema, porém não eram tão comuns na primeira década, quando a prioridade eram filmes documentais ou de recriação de eventos como guerras e catástrofes naturais. Segundo Turner (1997):

Os primeiros filmes não eram narrativas estruturadas, mas breves registros de tomada única de cenas do dia a dia, como o famoso filme dos Lumière que mostra trabalhadores saindo da fábrica no final de um turno (p.36).

Contar histórias não era o objetivo, e sim apenas criar um espetáculo visual que retratasse o cotidiano, para espantar e maravilhar o público como forma de entretenimento.

De acordo com Cassettari e Lessa (2012), a francesa Alice Guy foi a primeira cineasta a explorar o potencial narrativo do cinema logo em seu primeiro filme *A Fada dos Repolhos* (1896), baseado em um conto popular e, já na década seguinte, os filmes de ficção haviam se popularizado e se tornado maioria. Muitos dos primeiros cineastas eram mágicos e utilizavam em suas produções as chamadas trucagens, técnicas de ilusionismo que criavam efeitos inesperados, divertidos ou dramáticos nos filmes. Entre eles estava Georges Méliès, um dos precursores no uso da edição, o que possibilitou que as imagens realizadas fossem arranjadas pelo cineasta e não pelo assunto em si, permitindo melhor estruturamento da narrativa e compreensão dela pelo público (TURNER, 1997).

Por volta de 1905, surgiram os distribuidores, empresários que compravam filmes das produtoras e os alugavam aos exibidores. Essa disponibilidade de filmes fez os custos de exibição baixarem, contribuindo para a rápida expansão da indústria. Com o aumento da produção cinematográfica, se tornou necessária a racionalização do processo, havendo uma divisão do trabalho e o estabelecimento de responsáveis por funções específicas, como os roteiristas, diretores, cenógrafos, maquiadores, os encarregados da iluminação, entre outros, todos supervisionados pelo produtor (MASCARELLO, 2006). É nessa época que o cinema americano começou a se estabelecer como um dos maiores do mundo, pois utilizavam a linha de produção industrial com o objetivo de produzir e distribuir o máximo de filmes possíveis em um espaço de tempo delimitado (ARAÚJO, 1995).

Se os primeiros 20 anos do cinema foram marcados por uma série de mudanças em sua exibição, distribuição e produção, a década seguinte é caracterizada pela sua emancipação das artes tradicionais. O estabelecimento da linguagem cinematográfica, isto é, a inserção de planos, movimentos de câmera, cortes e outros recursos de montagem que compõem um filme,

fez com que o cinema passasse a ser considerado uma arte independente, com suas propriedades artísticas específicas. Em 1915, nos Estados Unidos, Vachel Lindsay publicou *The Art of the Moving Picture* e sua proposta de considerar o cinema como uma arte com linguagem própria se espalhou nos anos seguintes para além do país, com cineastas da Alemanha e da Rússia, por exemplo, aproveitando seu potencial para criar mundos ao em vez de apenas reproduzir o real e chegando a desafiar a enorme influência de Hollywood (TURNER, 1997).

No final dos anos 20, surgem os primeiros curtas de animação, produzidos inicialmente para a exibição na abertura das programações dos cinemas. Seu potencial praticamente ilimitado, visto que a partir do desenho, é possível criar qualquer cena do zero, fez com que muitos cineastas, já com técnicas mais desenvolvidas e tecnologias mais avançadas, usassem desse meio para explorar suas ideias criativas e impulsionar as mensagens que seus filmes intencionavam transmitir (BORDWELL, THOMPSON, 2013).

Ainda na mesma década, quando o som é introduzido nos filmes, ao mesmo tempo que os atores e os roteiristas sofriam na transição, o status artístico do cinema começou a ser questionado, pois se antes, era considerado arte justamente por não simplesmente copiar o mundo real, com a nova tecnologia ele estaria se aproximando demais da realidade. Até que a indústria se adaptasse, os filmes mudos eram os únicos vistos com valor artístico, enquanto os filmes falados eram menosprezados. O surgimento da cor no cinema na mesma época e sua popularização crescente nas duas décadas seguintes, também alterou significativamente os filmes e foi outro fator contribuinte para sua recusa como linguagem artística. Os cineastas que antes usavam luz e sombras para contar histórias, com o uso das cores puderam explorar e inovar ainda mais nas narrativas e, apesar de inicialmente terem sido desprezados pelo mesmo motivo, logo mostraram que este era apenas mais um elemento criativo para se contar histórias (ARAÚJO, 1995).

Nos anos 50, uma grande mudança ocorre no cinema nacional que inaugura um novo modo de se fazer filmes no mundo todo. Nesse período, o modelo de produção dos estúdios de Hollywood começava a apresentar sinais de seu esgotamento, já que os filmes produzidos em massa seguiam sempre uma mesma fórmula no desenvolvimento de suas histórias. Inspirados, então, no Neorealismo italiano e na Nouvelle Vague francesa e preocupados em se distanciar desse modelo norte-americano de produção e criar sua identidade própria, os cineastas brasileiros procuraram fazer de seu cinema um meio capaz de discutir questões relacionadas à realidade brasileira utilizando uma linguagem motivada pela própria cultura e baseada nas limitações econômicas do país. Porém, é na década de 1960 que essa busca por um “cinema brasileiro”, de apelo popular, atinge seu ápice, com um grupo de jovens cineastas desafiando a

narrativa clássica, com histórias não lineares e recursos de câmera não convencionais, iniciando assim o Cinema Novo, um dos movimentos cinematográficos mais ousados e inovadores da história do cinema (CINEMA..., s.d)

Outro acontecimento do século XX que mudou profundamente não só o modo de se fazer cinema, mas também a maneira como eles chegavam aos espectadores, foi a popularização da televisão. Os filmes, que antes só poderiam ser vistos nos cinemas, passaram a atingir um novo público com suas exibições na TV e, com a chegada do VHS e das locadoras de vídeos, nos anos 80, a criação dos DVDs, nos anos 2000, e mais recentemente dos serviços de streaming, o público passou a frequentar menos as salas de cinema, muitas vezes optando por assistir filmes na televisão ou na internet, fazendo com que a indústria buscasse cada vez mais novas maneiras de se manter relevante e atrativa. (BITTENCOURT, 2015)

A história do cinema é extensa e presente, além de não possuir uma cronologia linear, pois acontece em cada país em momentos e de maneiras diferentes, por isso seria impossível incluir aqui sua trajetória por completo, não foi a intenção, inclusive. O propósito foi evidenciar que uma câmera que registra imagens, por si só, não produz arte, mas o desejo humano de criar e absorver histórias significativas e tocantes, sim. O cinema, assim como as outras formas de expressão artística, se desenvolve acompanhando a sociedade, a partir de uma troca entre os que fazem e os que apreciam. Inovações no campo tecnológico continuam a surgir e implementam novos jeitos de se contar histórias cada vez mais imersivas e envolventes e, conforme a sensibilidade do público também se altera, o cinema está sempre buscando novas maneiras de mover o espectador.

Através dos filmes, as histórias nos atingem mexendo com nossas sensações e sentimentos, transmitindo mensagens que nos fazem refletir sobre o mundo ao nosso redor e moldando nosso modo de ser, pensar e agir. A seguir discutiremos acerca da aptidão do cinema para influenciar a sociedade, da sua relação com a educação e do seu potencial como ferramenta pedagógica com a capacidade de promover processos de ensino e de aprendizagem mais interessantes e significativos.

2.1 CINEMA E EDUCAÇÃO

O cinema e a televisão, no último século, se tornaram os mais fortes meios de comunicação de massa, constantemente nos educando de alguma forma e, justamente porque educam sem dizer que o fazem, acabam sendo os mais eficientes na tarefa. Por suas características narrativas associadas à impressão de realidade, o cinema tem a capacidade de transferir ideias, conceitos e teorias disfarçados e “escondidos” atrás do sensorial, emotivo e afetivo.

Como todas as artes, o cinema acontece pela troca entre quem o faz e quem o percebe. Assim como as obras filmicas refletem as ansiedades, crenças e valores das culturas que as produzem, elas também ajudam a estabelecer e consolidar modos de pensar e agir de tais culturas. O cinema é livre para moldar opiniões e atitudes de seus espectadores e ser infiel à história, deixando muitos conceitos implícitos que podem influenciar o público intencionalmente ou não, criando bordões que pegam, lançando tendências de modas através de atores, fazendo pais batizarem os filhos com nomes de personagens, ou até mesmo chamando atenção para um problema social importante, antes desconhecido por muitos, provocando mudanças sociais.

Filadélfia é um filme de 1993 que teve papel relevante na desestigmatização da AIDS ao trazer a questão da epidemia de HIV da época para discussão e denunciar como a doença, altamente distorcida pela mídia, motivou atos de homofobia no mundo todo. Através da história retratada, milhares de pessoas se conscientizaram e criaram empatia com aqueles atingidos pela doença e, apesar da comunidade gay ainda hoje ter de enfrentar diversos preconceitos, ao trazer à tona o assunto bastante evitado, o filme marcou o início de uma mudança de atitude na sociedade (SOLOMONS, 2022).

Uma história tem o potencial também de, ao demonizar algo ou um grupo de pessoas, perpetuar estereótipos negativos que causam prejuízos no mundo real. *O Nascimento de uma Nação* é um filme americano de 1915 que se passa durante a guerra civil americana e conta a história da família Cameron, que ao ser atacada por soldados negros, é salva por membros da Ku Klux Klan, inspirando o filho mais velho da família a se juntar a organização terrorista e mais tarde se tornando seu líder. Com suas técnicas de edição inovadoras, o filme cativou o público e, mesmo tendo sido lançado décadas após o fim da guerra civil e da abolição da escravidão, quando os números da Ku Klux Klan já haviam diminuído drasticamente, por retratar seus membros como heróis, incitou a audiência de extrema-direita a apoiar o grupo. Até o início dos anos 20, a organização racista chegou a ter cerca de 4 milhões de membros (CLARK, 2022).

Como podemos ver, o cinema, como linguagem artística, além de entreter, atua diretamente na formação cultural e educacional das pessoas, podendo servir de mecanismo de interação social e reflexão a respeito da realidade. Duarte (2002) destaca essa natureza pedagógica do cinema de grande interesse para o campo educacional, pois, segundo a autora, “muito da percepção que temos da história da humanidade talvez esteja irremediavelmente marcada pelo contato que temos/tivemos com as imagens cinematográficas” (p. 18). Por esse motivo, alguns pesquisadores e professores veem nessa arte grandes possibilidades pedagógicas. Segundo Napolitano (2003):

Trabalhar com o cinema em sala de aula, é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e "difíceis", os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar (p. 11-12).

É importante que saibamos lidar com esses produtos culturais que nos cercam diariamente e modelam nossas atitudes e pensamentos e, a escola, como principal formadora intelectual, cultural e social de indivíduos, é quem detém maior capacidade de aprimorar nosso olhar para a interpretação do mundo e daquilo que ele produz.

A inserção do cinema em sala de aula não é recente, desde a década de 1920 já se discutia a possibilidade de sua utilização para fins educacionais quando, em 1936, foi criado o Instituto Nacional de Cinema Educativo - INCE. O órgão tinha como principais objetivos servir à educação popular e formar uma identidade nacional, através da produção de filmes didáticos relacionados à ciência e tecnologia e documentários sobre a produção nacional (ANDRADE, 2018).

Durante três décadas, o instituto produziu mais de 400 curtas e médias-metragens, entre eles, *O Preparo da Vacina Contra Raiva* (1936) e *Combate à Lepra no Brasil* (1946), com a assessoria de pesquisadores para garantir a apresentação correta do conhecimento científico, além de filmes como *Dia da Pátria* (1936) e *Bandeirantes* (1940), produzidos com o intuito de promover o nacionalismo. Em 1967, devido às mudanças políticas no país e a falta de recursos nas escolas, o instituto foi oficialmente extinto (Ibidem). É relevante reconhecer sua importância como um dos primeiros passos da junção cinema e educação no Brasil.

A importância da utilização de filmes em sala fez com que o Ministério da Educação, 2014, incluísse um item específico na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)¹

¹ BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.

que determina a exibição de filmes produzidos no Brasil por, pelo menos, 2 horas mensais. Porém, até o ano de 2017, fui estudante do ensino básico e agora conhecendo tal determinação, percebo que não foi cumprida nas escolas onde estudei, talvez por falta de tempo, equipamento ou espaço adequados, ou até mesmo pelos professores desconhecerem a lei, já que não é tão divulgada. Além disso, em seu texto, não é especificado quais objetivos pedagógicos devem ser alcançados e se os filmes devem ser estudados como obras artísticas ou utilizados como ilustração de outros conteúdos, por exemplo.

O texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)², apesar de também não se aprofundar na questão, destaca a necessidade da utilização de diferentes linguagens como fontes de informações e o uso de novas tecnologias, como o cinema e o audiovisual, para auxiliar na aquisição e construção do conhecimento (BRASIL, 2018).

A respeito disso, Barbosa e Schulze (2018) afirmam que:

Independentemente de quaisquer obrigatoriedades da presença do cinema na escola perante as leis que regem a educação brasileira, os professores em suas diversas disciplinas, já utilizam o cinema como recurso para ilustrar os conteúdos de suas aulas. (p. 296)

Porém, Duarte (2002) destaca que, mesmo que os filmes já sejam valorizados e utilizados em sala, os meios educacionais, assim como os próprios professores, às vezes, não os reconhecem como fonte de conhecimento e afirma:

Sabemos que arte é conhecimento, mas temos dificuldade em reconhecer o cinema como arte (com uma produção de qualidade variável, como todas as demais formas de arte), pois estamos impregnados da ideia de que cinema é diversão e entretenimento, principalmente se comparado a artes "mais nobres". Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para "ilustrar", de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis. (p. 87)

A educação é um processo amplo que ultrapassa os limites da escola e deve sempre se relacionar com a cultura cotidiana dos alunos. Aqueles que já cresceram nesse mundo audiovisual, o consideram natural e estão adquirindo conhecimento talvez muito mais através do cinema e da televisão do que pelos livros, por isso não entendem por que a escola ainda resiste à integração dessa tecnologia. Através dos filmes, o aluno se aproxima da história e do passado de maneira diferente de um texto escrito e trabalhar com esses recursos tornou-se uma

² BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

imposição dos tempos atuais, pois nossa sociedade é extremamente visual e a tecnologia chega independentemente de nosso preparo para lidar com ela.

Comumente, as expectativas dos alunos em relação ao uso de vídeo em aula são equivocadas. Muitos encaram como momento de descanso e descontração, e não de aprendizagem e o professor deve aproveitar esse anseio para atraí-los para os assuntos que deseja trabalhar em sala.

Não há uma metodologia exata para se trabalhar com filmes no ensino, o que podemos afirmar é que podem ser abordados tanto pelo conteúdo, pela linguagem e pela técnica, quanto pelos contextos de produção e consumo. Cipolini e Moraes (2009) orientam que deve haver mediação por parte do docente como uma forma de direcionar os alunos entre as leituras interna e externa de um filme para que possam analisá-lo criticamente. O cinema, como todas as artes, é influenciado pela sociedade e também a influencia, por isso, além do filme em si, o contexto social e político de sua produção, a indústria do cinema e a recepção e reação do público, são questões a serem observadas ao se trabalhar com o meio em sala.

Devemos nos lembrar que um filme é muito mais que a história nele apresentada, ele também reflete a mentalidade de quem o fez e quando o fez. Filmes históricos não são sinônimo de realidade (até mesmo os documentários têm o potencial de manipular fatos) e muitas pessoas que têm contato com certos temas através apenas do cinema, às vezes acreditam que aquilo que veem é a representação do real. Sobre isso, Napolitano (2003) afirma:

[...] o olhar crédulo da criança tende a considerar verdadeiro e real tudo que é visto no filme, pois a noção de realidade e representação, passado e presente, narrativas ficcionais e científicas estão ainda em construção. Portanto, o professor deve estar atento aos efeitos do filme no grupo e estar preparado para lidar com o olhar infantil sobre as imagens em movimento, ao mesmo tempo respeitando e valorizando a fantasia infantil, mas sem reforçar a assimilação das explicações pseudocientíficas, da ideologia e representação fantasiosa como sinônimo de verdade. (p. 22)

Compreendemos que os filmes além de serem utilizados para discutir os mais diversos temas e ilustrar variados assuntos, podem também ser trabalhados como conteúdo em si, o importante é que os professores tenham os objetivos claros e os conteúdos os quais desejam desenvolver bem definidos, além de certo conhecimento sobre cinema, reconhecendo os limites de sua formação, pois o cinema possui sua própria história, linguagem e modo de se comunicar. Conforme Napolitano (2003):

Obviamente o professor não precisa ser crítico profissional de cinema para trabalhar com filmes na sala de aula. Mas o conhecimento de alguns elementos de linguagem cinematográfica vai acrescentar qualidade ao trabalho. Boa parte dos valores e das mensagens transmitidas pelos filmes a que assistimos se efetiva não tanto pela história contada em si, e sim pela forma de contá-la. Existem elementos sutis e subliminares

que transmitem ideologias e valores tanto quanto a trama e os diálogos explícitos. (p. 57)

Reconhecendo a questão, em 2016, a SOCINE (Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual) publicou uma carta aberta ao Ministério da Educação e ao Ministério da Cultura sobre a exclusão do cinema como uma arte específica na BNCC. A entidade se mostrou preocupada com a pouca atenção dada pelo documento ao cinema e propôs que fosse incluído um eixo Cinema e Audiovisual dentro do componente curricular Artes. Na atualização da BNCC, em 2017, um ano depois do texto da SOCINE ser publicado, o apelo não foi atendido e o cinema, mesmo possuindo uma especificidade na formação do professor, ainda é incluído como uma linguagem das Artes Visuais.

Contudo, mesmo sendo reconhecida a relevância do cinema na educação, muito pouco é feito para que ele esteja realmente presente de forma apropriada em sala de aula. Como podemos ver, um grande problema encontrado, além da falta de recursos e espaço adequados, é a carência na formação e a escassez de suporte e materiais que orientem os docentes no seu uso. Pensando nisso, foi criado o material didático “Filmes para o ensino de Artes Visuais”, com o objetivo de auxiliar os professores na escolha dos filmes a serem trabalhados nas aulas de Artes, considerando os temas e conteúdos específicos da disciplina.

3 FILMES PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS

Assim como os objetivos da educação devem acompanhar as mudanças na sociedade, os recursos e métodos para atingi-los também devem se adaptar. Os materiais didáticos são as ferramentas de apoio pedagógico utilizadas em sala de aula desenvolvidas para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Podem ser direcionadas aos alunos, no intuito de tornar o conhecimento mais palpável, atrativo e interativo, ou aos professores, como um guia ou direcionador aos conteúdos e atividades a serem trabalhados e, por isso, devem estar sempre atualizados de acordo com as necessidades dos meios educacionais e relacionados às produções culturais da sociedade e à vivência cotidiana dos alunos.

Sua forma mais conhecida é o livro didático, distribuído nas escolas públicas de educação básica brasileiras pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Contudo, não é o único existente. Os materiais didáticos podem ter diversos outros formatos e suportes, como manuais, cartazes, ilustrações, mapas, gráficos, maquetes, jogos, vídeos etc. É possível também encontrá-los disponíveis na internet. O *Instituto Arte na Escola*³ é uma associação sem fins lucrativos que desenvolve e disponibiliza online gratuitamente materiais educativos em diferentes formatos, bem como indicações de leitura e relatos de experiência de professores, que podem dar suporte para enriquecer o conteúdo das aulas. O *Glossário de Técnicas Artísticas*⁴ do NAPEAD (Núcleo de Produção Multimídia para a Educação) da UFRGS, é um guia online de técnicas artísticas tradicionais e contemporâneas, com informações em texto, ilustrações e vídeos sobre artistas e obras.

Ainda assim, para as Artes Visuais, materiais didáticos que propõem alternativas para o cotidiano escolar são raros e, aos professores, geralmente resta a dedicação e a criatividade para encontrar maneiras instigantes e envolventes para estimular a aprendizagem. Foi considerando, então, essa carência de ferramentas facilitadoras no ensino da disciplina e o poder educativo do cinema – discutido no capítulo anterior – que se deu a produção do material didático *Filmes para o ensino de Artes Visuais*, utilizando como suporte um site online, que possibilite a frequente atualização das informações presentes nele.

Após pesquisa bibliográfica em livros, dissertações e artigos a respeito da história do uso de recursos audiovisuais na educação, análise do que dizem os autores da área, das leis e dos incentivos para seu uso nas escolas brasileiras e observação, através da leitura de relatos de

³ <https://www.artenaescola.org.br/>

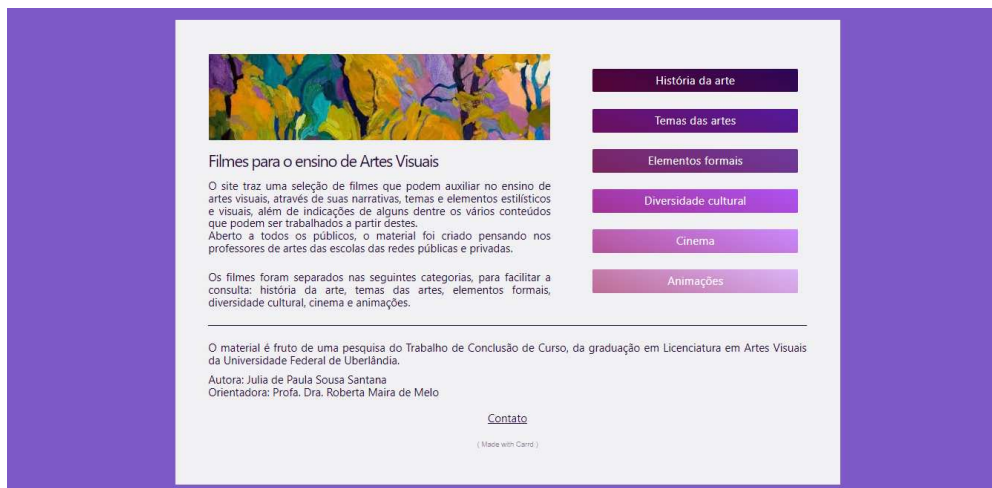
⁴ <https://www.ufrgs.br/napead/projetos/glossario-tecnicas-artisticas/index.php>

experiência, de como professores trabalham com esses recursos em sala de aula e como é a recepção dos alunos, concluiu-se que a criação do material seria bastante oportuna.

Aberto a todos os públicos, o material criado é direcionado aos professores de Artes das escolas das redes públicas e privadas. Além de uma seleção de filmes que podem auxiliar no ensino através de suas narrativas, temas e elementos estilísticos e visuais, o site também traz indicações de alguns dentre os vários conteúdos que podem ser trabalhados a partir destes, pois como foi visto, alguns professores já consideram o uso de recursos audiovisuais em sala de aula uma estratégia atrativa, porém, além da falta de recursos e espaço adequados para tal, muitas vezes não sabem ao certo que tipo de filmes utilizar ou como trabalhá-los.

O material foi criado utilizando como suporte o site carrd.co, uma plataforma online, gratuita, de layout simples e fácil utilização, e que pode ser acessado através do link <<https://filmesparaoensinodeartes.carrd.co/>>. Na página inicial são apresentadas uma pequena descrição do material e as categorias em que os filmes foram separados, além de um botão que redireciona para uma página que indica como enviar dúvidas, sugestões ou relatos de uso de filmes em sala (Figura 1). O site possui versão para computador e dispositivos móveis.

Figura 1 – Página inicial do site.



Fonte: <https://filmesparaoensinodeartes.carrd.co/>

Para sua concepção, primeiramente foram pré-selecionados filmes que já conhecia e pensei terem relação com os temas das artes visuais, a maioria destes sendo biografia de artistas, mas também filmes que indiretamente tratavam de assuntos compatíveis com a área, além de alguns outros sugeridos por colegas da graduação os quais contei sobre o projeto.

Uma questão que limita a diversidade dos filmes escolhidos, é a dificuldade em encontrar títulos de idiomas diferentes do inglês. O cinema de língua inglesa, especialmente o

norte-americano, é bastante difundido no Brasil e há muitos anos domina as salas de cinema e as exibições na tv aberta no país, superando até mesmo as produções nacionais. Portanto, o acesso a filmes em outros idiomas senão o inglês com dublagem ou legendas em português é limitado, por isso estes são minoria no material. Infelizmente houveram títulos que foram considerados, mas por não terem sido encontrados com tradução, tiveram de ser descartados.

Para o material também não foram selecionados documentários, pois apesar destes apresentarem informações sobre o mundo de maneira tão variada quanto filmes de ficção, a forma como o fazem as vezes é muito objetiva, semelhante à de um texto escrito, o que foge da proposta do material, que é indicar filmes que não apenas transmitem conhecimentos, mas que funcionem a partir da mediação do professor. Os tipos de análises que se pode fazer dos dois gêneros são diferentes, filmes de ficção geram mais possibilidades de interpretação e podem promover debates e discussões em sala de aula, enquanto os documentários entregam explicações bem mais diretas e que nem sempre são confiáveis.

Com Amor Van Gogh (2017), umas das várias biografias do pintor Pós-impressionista, foi um dos primeiros filmes a ser selecionado, pois com ele é possível apresentar a arte de Van Gogh através da técnica de animação que incorpora seu estilo de pintura e inclui algumas de suas obras. Além disso, a maneira como sua história é contada, com fatos fragmentados, baseados em impressões e na memória, pode ser relacionada às características do próprio movimento Pós-impressionista, facilitando o aprendizado dos alunos por meio desta associação.

Os filmes até então escolhidos foram assistidos e separados em algumas categorias temporárias de acordo com as possibilidades de associação com os conteúdos da disciplina de Artes, como história da arte, materialidades e linguagens artísticas, por exemplo, até que a lista começasse a tomar forma e se tornassem mais bem definidas as informações a serem incluídas e como estas seriam apresentadas no site.

Como é propósito do material incluir filmes que possam ser trabalhados de diversas maneiras, considerando que a educação em artes vai muito além da crença popular de se tratar apenas de ensino sobre história da arte e atividades práticas de criação, foram selecionados filmes que possibilitam que, além desses, os mais variados temas e questões das artes sejam abordados em sala de aula. Por exemplo, o filme *Pachamama* (2019) abre espaço para algumas reflexões notáveis, pois retrata a arte e cultura dos povos andinos não só na trama principal, em que apresenta sua forte ligação com a natureza e evidencia o descaso dos invasores europeus com os costumes da região e o processo de apagamento cultural daquela comunidade, mas

também no estilo de animação, que traz linhas, formas e texturas que referenciam a tapeçaria e a cerâmica inca.

Procurando fugir do óbvio, busquei também por filmes que explicitamente não abordam assuntos das artes nem fazem referência direta à artistas ou movimentos. *A Colina Escarlate* (2015) trata de temas como misticismo, espiritualidade, amor e morte, além da rápida industrialização que afetava a sociedade no início do século XIX, características presentes nas obras do movimento Simbolista e por isso, também oferece possibilidades de uso em sala.

Após a seleção de um número maior de filmes e análise semelhante, foi possível categorizá-los melhor, procurando estar de acordo com as competências que os alunos devem desenvolver ao longo de toda a Educação Básica na disciplina de Arte, segundo o texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os filmes foram separados, então, em 5 categorias: história da arte, temas das artes, elementos formais, cinema, diversidade cultural e animações.

Grande parte dos filmes para o material foram selecionados por sua abrangência de possibilidades de uso e, por isso, muitos deles aparecem em mais de uma categoria (Tabela 1). O número de títulos que o compõe até o momento da escrita da monografia é relativamente pequeno, não ultrapassando os 25, porém, a intenção é que esteja em constante crescimento. Inclusive, é indicado no site um e-mail para o qual é possível enviar novas sugestões, sempre havendo a possibilidade de adicioná-los ao material.

Tabela 1 – Relação de filmes por categoria

Categoria	Número de filmes até o momento
História da arte	10
Temas das artes	8
Elementos formais	6
Diversidade cultural	8
Cinema	5
Animações	8

Em “história da arte”, foram incluídos filmes que fazem referência a movimentos artísticos, obras, artistas ou grandes acontecimentos do mundo artístico, podendo auxiliar mais

diretamente, como o próprio nome indica, no ensino de história da arte. “Temas das artes” contém filmes que tratam de assuntos como contextos de criação e processo artístico, sistemas da arte, valor da arte, preservação da cultura, entre outros. Em “elementos formais” os filmes selecionados exploram aspectos formais das artes visuais, como cor, luz, forma, linha, textura, movimento, entre outros, possibilitando o estudo tanto teórico quanto prático dos elementos que estruturam a linguagem visual. “Diversidade cultural” inclui filmes que apresentam códigos estéticos, expressões artísticas, vestimentas, línguas, crenças e tradições de diferentes culturas e épocas, e podem ser utilizados para promover o enriquecimento cultural dos alunos através do contato com culturas externas às suas vivências.

A categoria “cinema” foi incluída pensando na possibilidade de introduzir o estudo sobre audiovisual utilizando a própria mídia, por isso, foram incluídos filmes que apresentam a história do cinema através dos bastidores de produção, distribuição e exibição. Foi acrescentada também uma categoria para animações, que traz filmes que, apesar de já aparecerem todos nas outras categorias, foram compilados pois o próprio meio proporciona ainda mais formas de se trabalhar com eles.

Em cada uma das categorias são apresentados os filmes listados em ordem alfabética, contendo uma imagem, informações técnicas, uma breve sinopse e algumas sugestões de conteúdos a serem trabalhados, como pode ser visto na Figura 2.

Figura 2 – Página do site



• Irmão Urso (2003)

Pais de origem: Estados Unidos
Duração: 85 minutos
Classificação: Livre

Sinopse: Kenai, um menino transformado em urso, vive com o pequeno Koda diversas aventuras em sua jornada para se tornar humano novamente.

Conteúdos que podem ser trabalhados: No filme é apresentado a forte ligação dos povos originários com a arte em seus rituais, além de ser mostrado o uso de pigmentos naturais na produção das pinturas rupestres que aparecerem em alguns momentos importantes da história.

A relação do homem com sua própria imagem e a dos outros também é um tema no filme. Além disso, na trama é mostrado como é possível existir diferentes interpretações de uma mesma imagem.

Fonte: <https://animacoes.carrd.co/>

É proposto que a partir do que é indicado no material, o docente obtenha uma orientação dos tipos de uso que os filmes podem ter em sala. Por exemplo, para *Irmão Urso* (2003) é sugerido o seguinte:

No filme é apresentado a forte ligação dos povos originários com a arte em seus rituais, além de ser mostrado o uso de pigmentos naturais na produção das pinturas rupestres que aparecerem em alguns momentos importantes da história. A relação do homem com sua própria imagem e a dos outros também é um tema no filme. Além disso, na trama é mostrado como é possível existir diferentes interpretações de uma mesma imagem.⁵

Utilizando desses temas, é possível discutir sobre a ligação dos povos originários com a arte, para promover o entendimento e respeito para com culturas diferentes, refletir sobre sua representação em produtos culturais, propor atividades práticas de pintura com pigmentos naturais produzidos pelos próprios alunos, promover discussões acerca de identidade e pertencimento, realizar exercícios de interpretação de imagem, entre outros.

Portanto, as sugestões de temas e questões apresentados são apenas alguns dentre os vários possíveis a serem trabalhados, e cabe ao professor decidir como irá utilizar os filmes de maneira que potencialize a aprendizagem e não sirva apenas como ilustração dos conteúdos da disciplina ou, ainda, como passatempo ou distração sem intenção educativa, pois apesar de ser peça fundamental no ensino, sozinho, o material didático não é capaz de oferecer tudo que os alunos precisam no processo de educação.

⁵ <https://animacoes.carrd.co/>

4 CONCLUSÃO

O trabalho teve como objetivos explorar a importância do uso de recursos audiovisuais no ensino e traçar a história do uso de filmes na educação, visando a criação de um material didático em formato online, pensado para professores, com indicações de filmes relacionados a conteúdos da disciplina de Artes Visuais, contendo além dos títulos listados, sugestões de conteúdos aos quais podem ser associados.

Durante a pesquisa bibliográfica inicial foi possível perceber a carência de pesquisas e estudos acerca do uso de filmes no ensino, porém é um tema presente em vários relatos de experiência de professores, que mesmo sem a existência de uma metodologia específica para trabalhá-los em sala, já os utilizam e obtém boa recepção dos alunos.

Através da consulta das leis para o uso de audiovisual nas escolas brasileiras, pôde-se notar que sua importância na educação há muitos anos é reconhecida, porém os educadores e as instituições de ensino não recebem muitos incentivos e muito menos suporte para que o cinema realmente esteja presente nas salas de aula. Foi pensando nessa falta de assistência aos professores que o material *Filmes para o ensino de Artes Visuais* foi criado.

O material traz uma seleção de filmes que podem ser usados no ensino de artes visuais e como se limita prioritariamente a meu próprio repertório, no momento possui uma variedade pequena de títulos, porém, a proposta é que esteja sempre em crescimento, tendo seus conteúdos frequentemente atualizados conforme sejam encontrados mais filmes que acredito se adequarem ou sejam sugeridos por usuários do site.

Outra questão que limitou a diversidade dos filmes selecionados, foi a dificuldade em encontrar alguns títulos com dublagem ou legendas em português, fazendo com que a maioria dos escolhidos fosse de origem norte-americana, por serem os mais difundidos no Brasil e por isso, mais fáceis de se encontrar com tradução para nossa língua.

O material utiliza como suporte um site online, o tornando de certa forma mais acessível do que aqueles impressos, que necessitam de uma distribuição manual nas escolas. Outra razão para essa escolha, é que desta maneira, as informações no site podem ser facilmente atualizadas, possibilitando seu crescimento.

Materiais didáticos podem por vezes ser muito fechados e incentivar poucos processos de criação, algo essencial no ensino de artes. Por essa razão buscou-se produzir um material que esteja aberto para inúmeras interpretações tanto dos filmes indicados, quanto das sugestões de conteúdos apresentadas e que, por isso, possibilite que os professores o utilize de diversas formas, não limitando-se a uma mesma aplicação.

O material pode ser explorado de diferentes maneiras e servir de suporte para discussões dos mais variados assuntos relacionados às artes visuais. Pode também ser trabalhado em interdisciplinaridade com outras disciplinas, como história e literatura, por exemplo. O importante é que os professores tenham o compromisso de utilizar os filmes com intenções pedagógicas, de maneira que façam sentido com os objetivos do ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, I. **Cinema – o mundo em movimento**. São Paulo, Scipione, 1995.

ANDRADE, R. O. Filmes na Escola. In: **Pesquisa Fapesp**. Ed. 271, 2018. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/filmes-na-escola/>. Acesso em: 8 jun. 2022.

BARBOSA, D. J. de M. L.; SCHULZE, G. B. **Ensino de cinema na educação básica: aspectos legais**. Revista GEARTE, [S. l.], v. 5, n. 2, 2018. DOI: 10.22456/2357-9854.83120. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/83120>. Acesso em: 25 maio 2022.

BITTENCOURT, Carla. O cinema pode aprender muito com a televisão. In: **A Tarde**, 2015. Disponível em: <https://atarde.com.br/muito/o-cinema-pode-aprender-muito-com-a-televisao-720092/>. Acesso em: 9 dez. 2022.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A Arte do Cinema: Uma introdução**. Campinas/São Paulo: Ed. Unicamp/Edusp, 2013.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CARVALHO, Alfredo. Cinetoscópio de Thomas Edison completa 130 anos. In: **LeiaJa**, 2021. Disponível em: <https://m.leiaja.com/tecnologia/2021/05/20/cinetoscopio-de-thomas-edison-completa-130-anos/>. Acesso em: 14 out. 2022.

CASSETTARI, Mario; LESSA, Bruna. **O Pré-Cinema e suas Redescobertas na Contemporaneidade: Um Estudo Comparado**. In: Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Ano 5 - Edição 4 – Junho-Setembro 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2012.35656>.

CHRISTOFOLETTI, R. **Filmes na sala de aula: recurso didático, abordagem pedagógica ou recreação?**. Educação, [S. l.], v. 34, n. 3, p. 603–616, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/871>. Acesso em: 12 maio 2022.

CINEMA NA DITADURA. In: **Memórias da Ditadura**. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/cinema/>. Acesso em: 22 out. 2022.

CIPOLINI, A.; MORAES, A. C. **Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto – um estudo sobre a utilização do cinema na educação**. Educação, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 265–278, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/239>. Acesso em: 11 dez. 2022.

CLARK, Alexis. How 'The Birth of a Nation' Revived the Ku Klux Klan. In: **History**, 2022. Disponível em: <https://www.history.com/news/kkk-birth-of-a-nation-film/>. Acesso em: 22 nov. 2022.

DUARTE, R. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LINDSAY, Vachel. **The Art of the Moving Picture**. Estados Unidos: Macmillan, 1915.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

MIGLIORIN, C. SOCINE se posiciona sobre a inclusão do cinema e audiovisual na Base Nacional Curricular Comum. In: **SOCINE**, 2016. Disponível em: <https://www.socine.org/2016/03/socine-se-posiciona-sobre-a-inclusao-do-cinema-e-audiovisual-na-base-nacional-curricular-comum/>. Acesso em: 14 jul. 2022.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o Cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

RAMOS, Fernão Pessoa; SCHVARZMAN, Sheila (Org.). **Nova história do cinema brasileiro - volume 1**. Edições Sesc São Paulo, 2018.

SOLOMONS, Adam. Why Philadelphia remains a flawed but vital portrayal of the AIDS crisis. In: **Little White Lies**, 2022. Disponível em: <https://lwlies.com/articles/philadelphia-jonathan-demme-aids-crisis/>. Acesso em: 22 nov. 2022.

THEBAS, Isabella. A Origem do Cinema. In: **Instituto de Cinema**. Disponível em: <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/a-origem-do-cinema/>. Acesso em: 14 out. 2022.

TURNER, Graeme. **Cinema como Prática Social**. São Paulo: Summus, 1997.

FILMOGRAFIA

A Colina Escarlate. Direção: Guillermo del Toro. Estados Unidos: Universal Pictures, 2015.

A Fada dos Repolhos. Direção: Alice Guy. França, 1896.

BANDEIRANTES. Direção: Humberto Mauro. Brasil: INCE - Instituto Nacional de Cinema Educativo, 1940.

COM Amor, Van Gogh. Direção: Dorota Kobiela; Hugh Welchman. Reino Unido; Polônia: Good Deed Entertainment (USA); Europa Filmes, A2 Filmes (Brasil), 2017.

COMBATE à Lepra no Brasil. Direção: Humberto Mauro. Brasil: INCE - Instituto Nacional de Cinema Educativo, 1946.

DIA da Pátria. Direção: Humberto Mauro. Brasil: INCE - Instituto Nacional de Cinema Educativo, 1936.

FILADÉLFIA. Direção: Jonathan Demme. Estados Unidos: TriStar Pictures, 1993.

IRMÃO Urso. Direção: Aaron Blaise; Robert Walker. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2003.

O Nascimento de uma Nação. Direção: D. W. Griffith. Estados Unidos: Epoch Producing Co., 1915.

O Preparo da Vacina Contra Raiva. Direção: Humberto Mauro. Brasil: INCE - Instituto Nacional de Cinema Educativo, 1936.

PACHAMAMA. Direção: Juan Antín. França; Canadá: Netflix, 2019.